

Enfoques críticos e alternativos sobre as relações de gênero em obras de José Lins do Rego



Capas dos livros *O moleque Ricardo* (1935) e *Usina*, de José Lins do Rego (1936). Montagem.

Victor Hugo Adler Pereira

Doutor em Letras Vernáculas/Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde atua no curso de graduação e no Programa de Pós-graduação em Letras. Pesquisador do CNPq. Bolsista-pesquisador do Programa Prociência Uerj/Faperj. Autor, entre outros livros, de *Nelson Rodrigues, o freudismo e o carnaval nos teatros modernos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. vhap@uol.com.br

Enfoques críticos e alternativos sobre as relações de gênero em obras de José Lins do Rego

Critical and alternative approaches on gender relations in José Lins do Rego's work

Victor Hugo Adler Pereira

RESUMO

Este trabalho discute as peculiaridades, diante da produção literária e das perspectivas dominantes no meio intelectual brasileiro, do modo com que José Lins do Rego enfoca as relações de gêneros em sua obra, tomando por base dois de seus romances: *O moleque Ricardo*, publicado em 1935, e *Usina*, em 1936. O segundo livro dá continuidade ao enredo do primeiro, alternando o enfoque sobre as experiências no campo e na cidade de um jovem negro e pobre com as iniciativas de modernização da produção açucareira de um proprietário rural. Em torno dos personagens desses romances se tecem indagações sobre problemas relativos às relações de gênero, à organização da família e à prostituição, num momento de grandes transformações sociais motivadas pelo surto de modernização, desencadeado no país desde a década de 1920.

PALAVRAS-CHAVE: relações de gênero no romance brasileiro; homoerotismo na literatura brasileira; família e prostituição no Brasil.

ABSTRACT

*This paper discusses the peculiarities of José Lins do Rego's approach to gender relations in his novels compared to literary production and dominant perspectives in the Brazilian intellectual environment, based on two of his works: *Moleque Ricardo* (Urchin Ricardo), 1935, and *Usina* (Sugar mil), 1936. The second novel continues the plot of the first one, alternating the focus on experiences of a young and poor black man in the countryside and in the city with the initiatives of modernization of sugar production by a rural landowner. Around the characters in these novels, questions are raised about gender relations, family organization, and prostitution, at a time of great social transformations stemming from the modernization surge, started in Brazil in the 1920s.*

KEYWORDS: gender issues in Brazilian novel; homoeroticism in Brazilian literature; family and prostitution in Brazil.



Grande parte da produção da chamada geração de 30 foi identificada, nos estudos críticos e nos compêndios escolares, pelo fato de registrar e tomar posição diante das desigualdades e desequilíbrios econômicos regionais do país. A literatura dos novos escritores oriundos do Nordeste e do extremo Sul brasileiro, que conseguiu grande repercussão e expressivo número de leitores na capital e nos grandes centros urbanos, foi instrumento importante na discussão de problemas que, embora afetassem o conjunto do país, vinham sendo ignorados e, por circunstâncias históricas, revelavam, então, sua urgência.

No entanto, na obra de alguns dos escritores nordestinos mais destacados a partir da década de 1930, como Graciliano Ramos e Jorge Amado, ressalta, além da denúncia da opressão econômica e das desigualdades sociais, o registro dos conflitos e inquietações diante das transformações na estrutura familiar e das questões suscitadas por novos papéis sociais e formas de comportamento das mulheres.

A leitura do conjunto da obra de José Lins do Rego desafia à compreensão sobre as contradições na perspectiva do autor e os conflitos que marcaram sua abordagem dos problemas envolvidos com as tradições patriarcais nordestinas. Vale observar que seus romances perdem gradativamente o caráter monológico, dominante quando se baseavam no relato memorialístico. Conforme observou Mikhail Bakhtin, o crescimento de divergências na interpretação da realidade em determinados momentos históricos, estimula o surgimento do romance polifônico, como ocorreu na experiência de Dostoiévski.¹ Contribuíram, contudo, para a convivência de várias vozes e perspectivas conflitivas que caracterizaram seu discurso ficcional, a partir de meados dos anos 1930, a crise de valores e os embates ideológicos que se travavam no Brasil.

Na ampla produção do autor, são citadas mais frequentemente suas obras memorialistas, ficando em segundo plano suas obras que não fazem parte do chamado ciclo da cana-de-açúcar, que têm como cenário o meio rural nordestino e se baseiam em memórias da infância. Os críticos acentuam o lado nostálgico da grandeza dos grandes latifundiários que se revela no tratamento concedido, nessas obras, à figura do avô, José Paulino, transformado em personagem desde os relatos sobre a infância em seu primeiro livro, *Menino de engenho* (1932), e retomado em obras de ficção posteriores. Nesse primeiro romance, a caracterização do coronel José Paulino evidencia compromissos do narrador com o discurso patriarcal, pela caracterização acrítica e legitimadora do modo paternalista de que se reveste a exploração dos trabalhadores rurais. Entre outras passagens em que se revela essa atitude do narrador-autor, encontra-se, por exemplo, em *Menino de engenho* uma definição do coronel: “Tinha para mais de quatro mil almas debaixo de sua proteção. Senhor feudal ele foi, mas os seus párias não traziam a servidão como um ultraje”.² Em obras subsequentes, José Lins do Rego alterna pontos de vista sobre a vida rural e urbana brasileira e, através do discurso indireto/livre, abre espaço ao registro de perspectivas, sobre o poder patriarcal, concebidas fora do núcleo familiar que domina a cena no primeiro romance. No conjunto da produção ficcional do autor, pode-se constatar a oscilação de avaliações do escritor diante da decadência, dos desafios ou das alternativas ao patriarcado rural. Entremeadado ao registro de formas despóticas de comportamento masculino, legitimadas pelo papel atribuído aos patriarcas, em especial no meio rural, as falas e divagações atribuídas a alguns personagens revelam a nostalgia diante da corrosão de antigos valores de solidariedade comunitária e à corrosão de uma suposta maior consistência na estruturação dos sujeitos. Junto a isso, no conjunto da obra de Lins do Rego, revela-se a constante preocupação com os conflitos conjugais, com a repressão à sexualidade das mulheres, e uma sinalização da insatisfação tanto das mães de família quanto de seus maridos diante das regras implacáveis de comportamento que só permitem a busca do prazer fora do círculo familiar.

Neste artigo é priorizada a discussão dos romances *O moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936), ligados pela continuidade no enredo, devido ao modo

¹ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 19.

² REGO, José Lins do. *Ficção completa: Menino de engenho*, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 105.

³ Ver ARAÚJO, Bruno Rodrigo T. e ARAÚJO, Brayner Rogério T. O movimento em Pernambuco durante as duas primeiras décadas do século XX: análise e reflexão acerca da mobilização operária fora do eixo Rio-São Paulo. *II Congresso Internacional de História UEPG-Unicentro*. Produção e circulação de conhecimento histórico no século XXI. Ponta Grossa, 2015, p. 5-9. Disponível em <http://www.cih2015.eventos.dype.com.br/resources/anais/4/1430962826_ARQUIVO_Movimentooperariotexto.pdf>. Acesso em 31 ago. 2016.

⁴ Cf. LIMA, Jacob Carlos. *Trabalho, mercado e formação de classe*: estudo sobre os operários fabris em Pernambuco. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1996, p. 151.

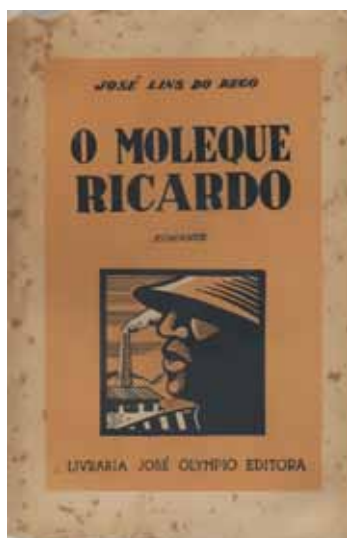
com que apresentam as relações de gênero e pela variedade de situações e conflitos que exploram a partir delas. *O moleque Ricardo* foi publicado no mesmo ano em que *Jubiabá*, de Jorge Amado, e os elementos em comum sugerem uma relação dialógica estabelecida pelos autores: em ambos, o protagonismo exercido por um jovem negro que busca seu lugar na sociedade brasileira provoca considerações sobre as perspectivas de inserção social, da participação política do proletariado rural e urbano no Brasil, e sobre as transformações no campo comportamental no país envolvido em um processo de modernização cheio de contradições e desequilíbrios.

Um olhar ingênuo sobre a cidade, seus personagens e seus conflitos

O moleque Ricardo é o primeiro romance em que Lins do Rego desloca o foco do enredo da família do coronel José Paulino e do engenho Santa Rosa, referência assumidamente autobiográfica, e focaliza a trajetória de um adolescente negro e pobre, tentando se adaptar à cidade grande. No início da narrativa, Ricardo, o protagonista, devido à oportunidade que teve de frequentar a escola na infância, exerce uma função que lhe facultava alguns privilégios em relação aos outros jovens: é o “moleque de recados” do coronel, encarregado de tarefas no pequeno núcleo urbano vizinho ao engenho. O contato diário com a cidadezinha e a estação de trem motiva sua decisão de tomar um trem e iniciar uma nova vida em Recife. E a promessa de se tornar empregado na casa do maquinista nesta cidade possibilita a realização desse sonho. A etapa da vida do jovem nesse serviço doméstico não é muito relevante para o enredo, e sim o fato de conseguir, posteriormente, um emprego como ajudante em uma padaria de Recife, o que o coloca num dos pontos nevrálgicos da agitação política no país naquele período.

Os acontecimentos políticos que se entrelaçam com as experiências de Ricardo remetem à greve geral de 1919, em Recife, que mobilizou trabalhadores e estudantes da Faculdade de Direito.³ No enredo, a proximidade de Ricardo com os estudantes de Direito justifica-se, não somente pelo fato deles terem se aliado aos trabalhadores como também pelo reencontro, nesse novo contexto, do jovem negro com o filho do coronel, de quem havia sido colega de brincadeiras na infância. Há evidentes incorporações ao enredo de episódios ocorridos nessa greve que se tornou um marco das lutas sociais na cidade, no estado de Pernambuco e no país, assim como de figuras históricas, como as lideranças do movimento, entre elas principalmente o polêmico professor José Joaquim Pimenta. O fato de Ricardo trabalhar numa padaria também é uma oportunidade para fornecer papel de destaque no enredo às repercussões dos acontecimentos políticos, uma vez que, nas primeiras décadas do século XX, os padeiros destacaram-se nas lutas por melhores condições de trabalho. Atingia-os especificamente o legado de formas de exploração herdadas da escravidão, tendo em vista que, desde o século XIX, o trabalho nas padarias era realizado por escravos ou negros recém-libertos, justamente por se contar com sua resistência física maior para as tarefas junto aos fornos em altas temperaturas.⁴

No enredo do romance de Lins do Rego, Ricardo, embora exerça a função de vendedor e distribuidor dos produtos da padaria de Seu Alexandre, estabelece contato estreito com os padeiros profissionais e, pouco a pouco, passa a conhecer também o círculo de suas relações familiares, o meio sindical e as lideranças políticas.



Capa da primeira edição do livro *O moleque Ricardo* (1935), de José Lins do Rego.

Aproximando-se do modelo de “*Bildungsroman* proletário”⁵, que Eduardo de Assis Duarte caracterizou em *Jubiabá*, o enredo, que tem inúmeros pontos em comum com essa obra de Jorge Amado, focaliza as tentativas do protagonista de se adequar e sobreviver no meio urbano. Em *O moleque Ricardo* os conflitos do personagem agravam-se por sua origem interiorana, o que se reflete em sua ingenuidade nas relações afetivas. Esse campo de relações tem um destaque semelhante, no romance, ao das suas considerações sobre as relações de trabalho no cidade e no campo e suas tentativas de compreender as lutas sociais. Através de suas experiências amorosas, configura-se um painel de modalidades de relações afetivas heterocentradas nas classes populares, apresentando uma galeria de tipos femininos, representativos na sociedade da época. Nas relações afetivas, Ricardo revela profunda inquietação diante do descontrole que sente no contato íntimo com as mulheres. Reação que, em personagens masculinos de outros romances nordestinos desse período, como *São Bernardo* de Graciliano Ramos, é motivada principalmente pelo medo da perda de autoridade patriarcal. Revelam-se outras motivações no caso do protagonista de *O moleque Ricardo*; entre elas, principalmente, a atitude defensiva contra a possibilidade de ser levado a ter experiências sensoriais que traem seus valores morais ou contra a ameaça de diluir os limites e as referências que o definem como sujeito, baseados no predomínio da vontade e do controle da consciência. Fica clara a inquietação do personagem diante da ameaça de apagamento das referências constitutivas da identidade de gênero, como o controle emocional e a iniciativa na condução dos contatos eróticos com o sexo feminino, associada ao o temor de ser arrastado por um desejo aparentemente sem limites da mulher. O primeiro vínculo amoroso de Ricardo focalizado no romance ainda não caracteriza essas ameaças, por ser uma relação platônica, que termina de modo trágico, com o suicídio da moça sem justificativas ou explicações declaradas. O jovem traumatizado por esse desenlace encontra consolo em outra mulher, Isaura – numa relação que contrasta grandemente com o platonismo do primeiro amor. O envolvimento erótico com Isaura revela a Ricardo um novo horizonte de experiências. Ele se julga “viciado” nos encontros com a jovem, pela necessidade que experimenta de repeti-los. Essa personagem acumula características que a aproximam de um tipo feminino que, conforme observou o estudioso Luís Bueno, aparece com frequência na ficção desse período, a “mulatinha”.⁶ Torna-se presença recorrente na prosa de ficção da primeira metade do século XX, por representar um desdobramento da dicotomia rigorosa na ideologia de gênero da época que colocava de um lado as moças, as esposas e mães de família, e de outro, as prostitutas. Podendo ser percebidas como uma terceira categoria entre as mulheres, situavam-se também, do ponto de vista da estratificação social, numa posição intermediária entre os marginalizados pela pobreza e uma faixa da população remediada economicamente. Ficavam sujeitas, por essa condição, a contatos com homens que as tratavam apenas como objeto para satisfação de seus desejos sexuais sem maiores responsabilidades; ao contrário, das “moças de família”, com quem eles namoravam e casavam. Revela-se, assim, na ficção a dificuldade das mulheres das classes populares nas cidades de estabelecer uma relação conjugal estável, que as integrasse a um núcleo familiar socialmente respeitável. Nessa posição intermediária, distinguiam-se das prostitutas por não cobrarem pelos contatos sexuais e das “moças de família” por não apresentarem as credenciais exigidas para

⁵ DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. 2. ed. Rio de Janeiro-Natal: Record/UFRN, 1996, p. 96.

⁶ BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo/Campinas: Editora da Universidade de São Paulo/Editora da Unicamp, 2006, p. 284.

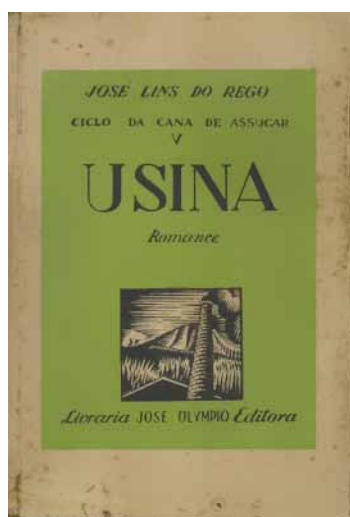
se candidatarem a um matrimônio entre as classes mais favorecidas, pela origem social e o nível de educação formal.

Um traço bastante significativo diferencia a relação entre Ricardo e Isaura do que se costuma caracterizar no contato entre os homens e as mulheres identificadas com o estereótipo da “mulatinha”: o fato de ser Isaura quem toma as iniciativas, no que concerne à sexualidade, e por não respeitar a fidelidade a um único parceiro, comportamento aceito socialmente para o sexo masculino e considerado característico da prostituição. A atração por Isaura torna-se aflitiva para Ricardo, porque foge a seu controle, subjugando-o à necessidade dos contatos sexuais, e porque a concretização do ato sexual depende principalmente da iniciativa da mulher. A quebra de paradigma do comportamento masculino torna-se coerente com a caracterização da inexperiência e certa ingenuidade de Ricardo, que desperta considerações e indagações sobre atitudes naturalizadas no meio urbano e o torna vítima em potencial de diversos tipos de manipulação.

Observe-se que esse deslocamento cultural do protagonista, que procura entender os comportamentos e as relações sociais num meio desconhecido, é um recurso adotado por muitos ficcionistas para desnaturalizar comportamentos e colocar em questão valores enraizados entre seus leitores. Esse modo de reproduzir a perspectiva de jovens interioranos sobre a complexidade do meio urbano é um procedimento empregado em obras primas de Honoré de Balzac, como *Le père Goriot* (1835) e *Illusions perdues* (1837 – 1ª parte; 1839 – 2ª parte); inclusive, como no romance de Lins do Rego, focalizando situações que caracterizam a manipulação dos protagonistas ingênuos por mulheres mais experientes.

Na sequência do enredo de *O moleque Ricardo*, depois de se distanciar de Isaura, fugindo da relação erótica que o faz sentir submetido ao desejo feminino, o protagonista começa o namoro com outra jovem, Odete. A relação com a jovem surge da convivência de Ricardo com a comunidade favelada em que esta mora, ensejada pelas visitas a colega de trabalho e participação no bloco carnavalesco organizado nela. Cresce a aproximação entre os dois, conduzindo-os ao casamento. Nesse caso, o contato se torna gradativamente mais tenso por outro fator ameaçador para Ricardo: a tuberculose que a moça desenvolve. A jovem caseira pertence a uma família que goza de certa estabilidade econômica e prestígio social na comunidade periférica de Recife, aproximando-se do modelo de “moça de família”. Depois do casamento, torna-se cada vez mais exigente sexualmente à medida que vão-se agravando os sintomas da tuberculose. A repugnância de Ricardo é justificada, nos mergulhos em sua consciência durante a narrativa, pela mistura da doença com a voracidade erótica da mulher. Entretanto revela-se o mesmo temor da voracidade feminina revelado na relação com Isaura, que ele considerava hipersexualizada, levando Ricardo a concluir sobre o erotismo e as relações conjugais:

Mulher casada só fazia agrado a marido na cama. Agora nem mais lhe pega nas mãos, nem lhe passava os dedos pela cabeça. Tão bom que ele se deitasse no colo dela ali na fresca da tarde e que Odete lhe acariciasse o pixaim. Odete, porém, só se movia na cama. Ele ficava com medo da voracidade da mulher. Todo dia com aquela mesma vontade, com um fogo que não se apagava. Devia fazer mal. E não criava barriga. Seria doença? Seria que a mulher estivesse querendo acabar daquele jeito? Ouvira falar de mulheres com fome canina pelos homens. Mulheres de quem não se



Capa da primeira edição do livro *Usina* (1936), de José Lins do Rego.

*dava conta, sempre famintas, sempre ardendo. Odete só conversava para se referir à doença, às desesperanças de ficar boa.*⁷

O apetite sexual da esposa é considerado exagerado e associado à doença – como se fosse um elemento destrutivo inerente a esta. O emprego do discurso indireto faculta ao escritor figurar a interpretação que o personagem faz da situação e as alternativas que seu desejo apresenta: outro tipo de elo afetivo, baseado numa forma de carinho maternal e não somente no ato sexual. Como será discutido um pouco adiante neste trabalho, essa forma de carinho é associada à relação de Ricardo com o enfermeiro Manoel, na continuidade da narração da saga do jovem, no romance seguinte de Lins do Rego.

A figuração da dificuldade das relações de gênero surge em outros cenários e com outros personagens no romance *O moleque Ricardo*, como os episódios que envolvem o dono da padaria, o português Seu Alexandre, e sua esposa, D. Isabel. Através das observações de Ricardo, toma-se contato com a exploração do trabalho da mulher para o enriquecimento do marido, enquanto este se dá o direito de manter uma jovem amante, com a qual passa os momentos de lazer. Ricardo solidariza-se com a portuguesa e compartilha tarefas domésticas com ela, acompanhando-a no triste caminho que a conduz do esgotamento físico e mental até a morte. O recurso ao discurso indireto-livre propicia ao leitor acompanhar a análise crítica da situação através da consciência e do envolvimento emocional de Ricardo, revelando seu desprezo diante das atitudes do patrão. Seu Alexandre, por um lado, revela-se capaz de inescrupulosamente explorar o trabalho de sua esposa e ignorar a ferida em sua autoestima provocada pelo fato de ter conhecimento de suas visitas à amante, gozando dos privilégios da condição masculina. Por outro lado, o português revela sua fragilidade ao ser manipulado por se tornar dependente dos favores sexuais da amante. O enredo leva ao ridículo gradualmente a submissão do personagem à amante acentuando o contraste dessa atitude com a indiferença em relação aos sentimentos de sua esposa, como também com a rigidez com que tratava os trabalhadores da padaria.

Depois da morte de Odete, o envolvimento com os colegas de trabalho, e a ingenuidade quanto aos meandros da participação política, levam-no a se comprometer nos acontecimentos que resultam na prisão de todos na ilha de Fernando de Noronha. Também na participação de Ricardo nas lutas sindicais e nos acontecimentos que o levam à prisão, caracterizam-se as dúvidas e a ambivalência de Ricardo diante das ideias e das práticas políticas com que trava contato através de outros padeiros e das lideranças do movimento sindical e estudantes universitários. A memória das relações do coronel José Paulino, que Ricardo conhecera na fazenda, aparece como contraponto às experiências das relações do trabalho assalariado na cidade, confronta-se a acomodação aos favores paternalistas com a busca pelos direitos nas lutas contra os patrões na cidade.

Captado por desejos desconhecidos

As experiências eróticas e políticas, que podem ser consideradas de autoconhecimento do protagonista, nesse “romance de formação”, têm continuidade na obra seguinte do autor, *Usina*, publicado em 1936. O romance focaliza, de início, a estada do jovem na prisão da Ilha de Fernando

⁷ REGO, José Lins do, *op. cit.*, p. 636.

⁸Sobre *habitus*, ver BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

⁹ Ver REGO, José Lins do, *op. cit.*, p. 678.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 685.

¹¹ Sobre identidades suturadas, ver BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2. edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 22.

¹² REGO, José Lins do, *op. cit.*, p. 705.

¹³ BUTLER, Judith, *op. cit.*, p. 44.

de Noronha, junto a representantes do movimento sindical de quem se aproximara, com muita ingenuidade e hesitação. Naquele ambiente, tendo em vista a formação escolar do protagonista, que já havia interferido na atribuição de tarefas na fazenda de José Paulino e na padaria de Seu Alexandre, o personagem é tirado dos trabalhos braçais a que eram submetidos os outros presidiários e passa a realizar serviços na casa do médico da prisão. Observe-se, através desse dado que interfere no destino do personagem, o papel atribuído pelo autor ao *habitus* cultural⁸ nas relações sociais. Ricardo aproxima-se gradativamente de Seu Manuel, cozinheiro do médico, com quem passa a trabalhar como “criado”.⁹ A primeira parte do romance *Usina* é dominada pelo relato da gradação dos sentimentos de Ricardo em relação a esse homem, com quem desenvolve uma relação sexual e afetiva. O clímax dessas transformações é a constatação do personagem, diante do indulto da pena concedido pelo governo, de que preferia ficar em Fernando Noronha por ter encontrado com Seu Manuel alguma coisa que nunca tinha vivido nas relações amorosas anteriores: “Ele vivia diferente, a amizade de Seu Manuel lhe trouxera de um homem a ternura que nunca sentira nem mesmo de mulher”.¹⁰

A abordagem da relação entre Ricardo e Manuel na prisão como um encontro afetivo e o retorno frequente das lembranças saudosas desta desafiam as caracterizações habituais do gênero masculino, indicando uma atitude crítica do romancista diante das categorias que sustentam a construção de identidades suturadas¹¹, sem apelar para considerações morais ou médicas. Constata-se, entretanto, a angústia do protagonista Ricardo, por diferentes motivos, entre eles, porque reconhece a dificuldade de compreensão de seus companheiros quanto a seus sentimentos. A consciência da rejeição, da solidão devida à singularidade de seu desejo, permanece como uma experiência negativa sobre o convívio humano, a no decorrer de sua vida, mesmo depois de perder o contato com o Sr. Manuel, pela liberação da prisão: “Era só. Só no mundo como um infeliz, um Judas. Seu Manuel, na ilha, gostava dele como ninguém. Mas não podia mostrar aquele amor, seria levado no deboche, olhado como safado. Este mundo era errado, todo errado”.¹²

A angústia de Ricardo pode ser compreendida pela disjunção entre as experiências concretas e as expectativas, dele próprio e do meio social, diante das referências definidoras dos gêneros. Essa disjunção abala a estrutura egoica do indivíduo, provoca a sensação de descontrole e de inadequação da experiência afetiva às expectativas deste. A caracterização desse tipo de angústia no romance sugere aproximações com as considerações da teoria *queer* sobre o fato de o senso comum identificar sexo e gênero e conceber o “ser” individual a partir dessas referências:

*Quando não problematizadas, as afirmações “ser” mulher e “ser” homossexual seriam sintomáticas dessa metafísica das substâncias do gênero. Tanto no caso de “homens” como no de “mulheres”, tal afirmação tende a subordinar a noção de gênero àquela de identidade, e a levar à conclusão de que uma pessoa é um gênero e o é em virtude do seu sexo, de seu sentimento psíquico do eu, e das diferentes expressões desse eu psíquico a mais notável delas sendo a do desejo sexual.*¹³

O personagem ficcional não se pauta na “metafísica das substâncias do gênero”, que fundamenta o desenvolvimento de discursos sobre a sexualidade, desde o século XIX, e norteia vários campos de conhecimento e

práticas sociais, constituindo um sujeito homossexual, conforme observou Michel Foucault:

O homossexual do século XX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular.¹⁴

Além disso, ao apresentar as relações de Ricardo com Seu Manuel, Lins do Rego não se enquadra na tradição literária que participou na consolidação dessa perspectiva sobre o homoerotismo, influente no naturalismo brasileiro, e que se constituiu principalmente na França na transição do século XIX para o século XX, como se pode constatar em romances brasileiros como *O cortiço* (1881), de Aluísio Azevedo, ou *Bom crioulo* (1895), de Adolfo Caminha. Jurandir Freire Jr. chama a atenção que “a literatura não só contribuiu para a reprodução das concepções sociosexuais de uma época, como também para a produção; e no caso específico da construção conceitual denominada homossexualismo, ela acrescenta as características da sensibilidade, marginalidade e conflito”.¹⁵ José Lins do Rego caracteriza Seu Manuel como um homem afeminado, mas que, na percepção de Ricardo, fugia de outras expectativas e estereótipos sobre os homossexuais, não fornecendo elementos para que o jovem enquadrasse racionalmente tanto o comportamento do homem como a natureza de sua atração por ele:

De noite Seu Manuel ia para o quarto dele. Trancavam-se e o criminoso de três mortes botava a cabeça de Ricardo nas pernas, passava as mãos na carapinha, como nunca mulher nenhuma teria feito com ele. [...] Ricardo deixava-se ficar assim. Era um gozo, uma volúpia desesperada com que ele passava o dia a sonhar, aquela de sentir-se bem perto de Seu Manuel, o homem de quem no começo tivera medo, e sentir aquelas mãos que se ensanguentaram alisando a sua cabeça com a delicadeza que nem Isaura e nem Odete souberam ter. Esquecia-se de tudo, esquecia-se da ilha, do vento que corria, do mar que gemia, de tudo que não fosse aquilo que lhe dava Manuel do Pajeú de Flores, com 30 anos tirados no júri.¹⁶

Os sentimentos de Ricardo por Seu Manuel levam-no a confrontar a sua figura com a do velho Pereira, que circulava nas terras do engenho Santa Rosa. Procurava compreender o que se passava com ele mesmo, buscando na memória uma referência próxima sobre a fuga dos padrões de masculinidade. Aquele homem afeminado e adornado com objetos ligados ao culto religioso católico provocava o deboche e, ao mesmo tempo, um certo temor entre os “cabras do eito”:

O velho Pereira fora escravo e não ia para o eito. Vivía de opa e com prato, com a coroa da Virgem, andando pelas estradas, atrás de esmolos. Gostava de viver com homens. Ricardo ouvia os cabras do eito falando da fraqueza do velho.

— Aquilo só tem mesmo osso e prega.

No entanto na frente do negro velho ninguém ousava uma palavra, um dito safado. Respeitavam o coitado, não lhe diziam nada que não fosse da maior con-

¹⁴ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade – I – A vontade de saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980, p. 43.

¹⁵ Apud SÁNCHEZ, Dario Gómez J. *Pervertidos, bichas e entendidos: identidade homossexual no romance latino-americano*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012, p. 17 e 18.

¹⁶ REGO, José Lins do, *op. cit.*, p. 688.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 683 e 684.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 682.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 684.

²¹ *Idem, ibidem*, p. 685.

²² BUTLER, Judith, *op. cit.*, p. 83.

*sideração. E Mané Pereira dormia na sua cama de vara com moleques que eles todos conheciam.*¹⁷

A primeira impressão registrada através da memória de Ricardo é dos comentários que as práticas homoeróticas do velho Pereira provocavam. Acrescenta-se, posteriormente, uma conotação mística e uma sensação de estranheza, diante dessa figura, que silenciava até quem provavelmente usufruía de seus favores financeiros:

*Nunca porém que aparecesse moleque nenhum se gabando, dando notícia de nada. Só mesmo Mané Pereira. E este, meio sagrado, de estrada a fora como um enviado de Deus, pedindo para a gente do céu, comparsa de alguma conspiração diabólica. Quando o velho passava pela estrada eles todos paravam a brincadeira. E lá ia ele de andar sacudido, com a opa vermelha e a cabeça descoberta, levando a coroa que Nossa Senhora do Rosário trazia na cabeça, de mistura com os vinténs e tostões dos devotos.*¹⁸

Digna da nota a mistura do sagrado, nos dois sentidos: daquilo que é ligado a Deus e o que é ligado ao diabo: a caracterização do personagem como “comparsa de alguma conspiração diabólica”, no trecho citado acima. Desse modo, o comportamento do velho Pereira passa a representar um desafio ou desvio diante da ordem prevista por Deus para o mundo.

De modo distinto, na comunidade dos presidiários de Fernando de Noronha, um homem que não se enquadra nos padrões da masculinidade, como Seu Manuel não provoca a associação com o sagrado, justifica-se como uma decorrência da raridade das mulheres: “Uma mulher em Fernando tinha o valor de diamante. Contavam-se no dedo as que existiam ali. Mesmo os funcionários que para lá iam, deixavam do outro lado as famílias”.¹⁹ Com isso, justificava-se a revelação das “inversões” de papel entre homens, diferentemente do que acontecia no engenho: “Ali em Fernando a coisa era outra. Os homens-mulheres não eram raros como no engenho. Seu Manuel cozinheiro era um. Não havia mais dúvida. A princípio Ricardo teve medo, uma vergonha maior do que aquela de amar sozinho. O tempo porém foi dando costume às suas repugnâncias”.²⁰

A proximidade de Seu Manuel, por ser identificado como um “homem-mulher”, causa medo e até repugnância em Ricardo, de início, porém a técnica narrativa de José Lins do Rego vai conduzindo o leitor a compartilhar da mudança de sentimentos de Ricardo. Até se consolidar o reconhecimento do personagem de que, embora a aproximação com Seu Manuel implique no afastamento dos companheiros de Recife, não pode dispensar a ternura e a amizade que dominam na relação com ele:

*Os amigos ficavam lá para o casarão do presídio, batendo massa como na padaria de Seu Alexandre. E ele, muitas vezes sem ter o que fazer, não ia estar com eles, conversar, falar da vida. Não era que nenhum dos dois lhe houvesse feito nenhuma desfeita, nem dito nada que o ofendesse. Ele vivia diferente, a amizade de Seu Manuel lhe trouxera de um homem a ternura que nunca sentira nem mesmo de uma mulher. Junto dos amigos da padaria estava como contrafeito, sujeito a uma censura.*²¹

A originalidade do escritor na construção do personagem Ricardo e de suas experiências afetivas foge às expectativas vigentes, ainda hoje, diante do homossexualismo; porque, conforme observou Judith Butler²²,

estereótipos culturais em relação às atitudes do homossexual manifestavam-se até mesmo em estudos psicológicos bastante influentes, como a obra de Ferenczi. O psicanalista considerava que a “falta de um estilo ou aparência abertamente diferenciadores só pode ser diagnosticada como ‘defesa’ sintomática porque o homem *gay* em questão não corresponde à ideia de homossexual que o analista formou e nutriu a partir de estereótipos culturais”.²³

A família, a propriedade rural e as crises da modernização no campo

A segunda parte do romance *Usina* inicia-se com a volta de Ricardo à propriedade rural de onde havia partido, ainda adolescente, após a anistia concedida a ele e a seus colegas, libertando-os da prisão de Fernando de Noronha. O foco narrativo desloca-se, pouco a pouco, dos problemas do personagem Ricardo para o Dr. Juca, herdeiro do coronel José Paulino, o Dr. Juca, e suas tentativas de transformar o velho engenho da família, em uma moderna usina de produção açucareira. O jovem empreendedor convence os parentes a investir na criação da usina Bom Jesus, comprando equipamentos de outra, desativada: “As caldeiras, o vácuo, as turbinas, a moenda tinham sido compradas por um preço muito baixo”.²⁴ O romance *Usina* focaliza as tentativas do Dr. Juca de tornar essa usina capaz de competir com as iniciativas de outros coronéis da região, analisando suas repercussões, tanto para a população rural das terras do engenho Santa Rosa, agora sede desse empreendimento modernizador, como para a relação com sua esposa e sua família. O romance relaciona as ações desse personagem e suas motivações psicológicas com a realidade histórico-social. Por isso, logo de início, fornece uma referência marcante para a construção de seu percurso biográfico: “O Dr. Juca sonhava com o poder, com o despotismo que esteira de usina impunha”. Essa observação lapidar do narrador serve de referência para a compreensão das atitudes do personagem em variados âmbitos.

Embora essa parte de *Usina* priorize o enfoque dos acontecimentos relacionados ao Dr. Juca, várias passagens voltam a focalizar as tentativas de readaptação de Ricardo àquele contexto, dificultada pelo processo de transição econômica e as modificações na relação do usineiro com os lavradores e agregados. Nas passagens protagonizadas por Ricardo, evidencia-se sua inadaptabilidade ao trabalho na vendinha criada na propriedade e retornam ao enredo suas dificuldades nas relações afetivas com as mulheres. Casa-se com uma moça sobre quem havia comentários maliciosos dos homens da região e não se sente feliz com ela.

Encontram-se situações recorrentes e traços de continuidade no tratamento das questões de gênero entre *O moleque Ricardo* e *Usina*. Revelam-se, neste romance, como no anterior, frestas abertas para o questionamento das convenções dominantes nas figurações das identidades de gênero através dos protagonistas da casa-grande, o jovem Dr. Juca, herdeiro do engenho Santa Rosa, e sua esposa, Dona Dondon. Assume-se perspectiva mais complexa do que a revelada nos primeiros romances memorialistas do autor, pela crítica mais radical à aparente inteireza do caráter do proprietário rural protagonista, tipo humano que foi a encarnação modelar dos atributos da masculinidade na região e no país.

Embora sejam destacados pela crítica quase como uma novidade revelada em *Fogo morto* (1946), considerado a obra-prima do autor, em *Usina*,

²³ *Idem*.

²⁴ REGO, José Lins do, *op. cit.*, p. 715.

já se apresentam com cores fortes e dramáticas as arbitrariedades cometidas contra os trabalhadores rurais miseráveis e os retirantes na grande propriedade rural, a análise das contradições e da fragilidade pessoal dos coronéis, seus fracassos na vida familiar, e as dificuldades de se atualizar diante das transformações impostas pela História. A construção polifônica de *Usina* conjuga-se a outras qualidades na construção ficcional da decadência rural, o que parece não ter sido devidamente valorizado pela crítica. Características que justificaram a consagração de *Fogo morto*, publicado muito mais tarde, e o posterior reconhecimento de suas semelhanças com uma das obras-primas de William Faulkner, o romance *Absalom! Absalom!*.²⁵

A construção polifônica de *Usina* possibilita o destaque concedido, em passagens bastante alentadas, à perspectiva da esposa do Dr. Juca, Dona Dondon sobre as mudanças que colocam em risco os valores tradicionais no âmbito familiar, com as ausências constantes do marido, dedicado aos negócios e aos amores com prostitutas na cidade. Caracteriza-se a convencional submissão de Dona Dondon, aos papéis de dona de casa e representante da autoridade do marido diante das filhas. A insatisfação de Dona Dondon diante de sua vida cotidiana tediosa é um tema que se alterna com as cenas na pensão de Dona Mimi, prostíbulo frequentado pelo Dr. Juca.

A falta de perspectivas de Dona Dondon e, ao mesmo tempo, a responsabilidade em preservar os valores familiares, controlando as relações de amizade das filhas, fornecem material para longos mergulhos interiores em que se exprimem as formas de opressão a que estavam submetidas as mulheres da elite rural. Através da perspectiva da dona de casa que se sente vinculada aos trabalhadores rurais, principalmente pela convivência com suas mulheres, destilam-se os sintomas da gradativa perda da autoridade do usineiro junto aos trabalhadores e ao núcleo familiar, e o reconhecimento do despotismo que marca sua relação com eles – em contraste com as atitudes de antigos coronéis como José Paulino.

Outras situações enriquecem a compreensão sobre a influência de novos valores ditados pela iniciativa modernizadora no meio rural brasileiro. Assim como se pode constatar em outros romances da chamada geração de 30, elementos externos ao núcleo familiar são considerados uma ameaça de desagregação desta. A ameaça se torna mais evidente, em *Usina*, porque é representada por um casal norte-americano, com hábitos que contrastam com o modo de vida da comunidade rural e representam as influências de um país identificado com um tipo de modernidade nem sempre bem vista. Registram-se no romance as reações diante desses estrangeiros, corroborando a perspectiva de que as iniciativas de modernização acompanham-se de mudanças dificilmente assimiláveis nas diferentes camadas da sociedade, da elite agrária aos trabalhadores do eito.

O químico norte-americano Dr. Richard, contratado para orientar a transformação do engenho em usina, traz sua esposa para morar com ele na casa-grande, convivendo com o núcleo familiar do latifundiário. A presença do estrangeiro acaba representando ameaças à organização das relações familiares e repercutindo na imagem do usineiro diante da comunidade rural.

O Dr. Richard trouxera a mulher, uma americana de lábios grossos e de olhos vivos, de uma vivacidade que não se continha. O povo da usina olhava para a mulher do químico com espanto. Ela não parava. Vivía montando a cavalo, quando não cruzava as estradas na barata do marido, vivendo da Paraíba para o Recife, trazendo amigos



da cidade para a casa-grande da usina. A casa-grande passara por uma transformação completa. A Mrs. Richard modernizara o pedaço que era seu, com o seu gosto.²⁶

A convivência com os estrangeiros traz novos hábitos, fazendo com que Dr. Juca pareça perdulário – ao contrário do falecido patriarca José Paulino – ao circular com um automóvel, considerado por muitos como um bem de consumo supérfluo e manifestação de exibicionismo. Também a esposa do técnico é considerada pelas mães de família do meio rural uma influência negativa para as jovens, pela liberalidade de seu comportamento. A aproximação das filhas do coronel da mulher estrangeira e a possibilidade de a tomarem como modelo de comportamento preocupa a mãe que via nisso uma influência perniciosa capaz de prejudicar seu futuro.

Situa-se, desse modo, um elemento emblemático do conflito gerado pelos contatos com a cultura estrangeira, nesse período de modernização, explorado em obras posteriores do autor, principalmente em *Riacho doce* (1939). O discurso indireto revela o desejo de Dona Dondon de que o marido retome o papel de protetor das filhas contra a influência que julga capaz de afastar as filhas de um comportamento respeitável:

A americana gostava de conversar com os rapazes, de se meter com os homens, pilheriando com uns e com outros. O seu marido só viera à praia uma vez, porque os trabalhos da usina não lhe davam tréguas.

Então D. Dondon começou a ficar com medo de D. Mary. Fora ela quem botara a perder as suas filhas. Com pouco mais Maria Augusta [a filha mais nova] faria as mesmas coisas. E Clarisse, que tinha aquele gênio forte, se quisesse acompanhar os modos de D. Mary, ninguém teria força para contrariá-la.

A usineira refletia: não devia nunca ter feito aquela amizade. Culpado de tudo fora o Juca. E se fosse verdade o que contavam da americana? Iaiá Soares lhe dissera que na Paraíba se falava que D. Mary não era casada, que fora rapariga.²⁷

Dona Dondon decide agir, por conta própria, para evitar que as filhas sejam desmoralizadas pelos boatos e mexericos provocados, entre os parentes, pela amizade e a admiração destas por Mrs. Richard, a mulher estrangeira, encaminhando-as para o casamento. O grau de suas preocupações com o assunto demonstra o quanto o “bom nome” das moças funciona como um capital para conseguir um casamento no círculo das famílias patriarcais bem sucedidas financeiramente.

Dr. Juca gradativamente revela dificuldades para exercer o poder e organizar os negócios, decaindo como chefe de família e como responsável pelo empreendimento em que envolvera quase todos os senhores de engenho parentes do patriarca José Paulino. A derrocada nos negócios, com a queda do preço do açúcar no mercado, reflete-se no próprio corpo do Dr. Juca: manifesta uma doença degenerativa hereditária, o que assume um forte caráter simbólico da situação das grandes famílias de latifundiários nordestinos. A decadência do Dr. Juca o leva à perda dos movimentos nas pernas e à entrega de sua propriedade ao Dr. Luís, usineiro que se revelara mais prudente e hábil no jogo com as regras do mercado.

A perda de controle do proprietário da Bom Jesus e das terras do antigo Santa Rosa afeta o conjunto de relações entre os vários setores que integram a sociedade local. Instituíra modificações nas relações de trabalho, cujos efeitos se manifestam no momento de crise econômica: a expansão das terras para plantio de cana, necessária à produção da usina, provocou

²⁶ REGO, José Lins do, *op. cit.*, p. 830.

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 845.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 902.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 908.

o fim das roças de subsistência entre os chamados “cabras do eito”, moradores naquelas terras há tantas gerações, adaptados às regras em vigor no engenho. O dono da vendinha criada na propriedade e aqueles que tentam recuperar seus roçados diante do afrouxamento da vigilância dos capangas da usina decadente, têm que conviver com a crescente ameaça das levas de retirantes em fuga de uma peste que assola regiões vizinhas:

*Mas a fome pegara o povo da Bom Jesus [a usina inaugurada pelo coronel Juca]. O barracão só vendia a dinheiro. Nunca por aquelas bandas houvera fome assim, fome de verdade, sem a batata-doce, sem o feijão verde, sem a farinha. O povo do Santa Rosa [no tempo dos coronéis antepassados do Dr. Juca], quando a necessidade apertava, tinha sempre por onde se defender. Agora, porém, os retirantes tinham comido os roçados, passado pelas plantações como lagartas.*²⁸

Essa passagem, no final do romance, faz parte dos registros de sintomas de uma desagregação generalizada provocada pelo projeto modernizador do Dr. Juca. Observe-se que, como na tradição da tragédia ática, essa desordem parece contaminar a natureza, provocar a eclosão de forças naturais destrutivas, como a enchente do Rio Paraíba, antecedida pela peste que assola os homens e mulheres do campo, e a própria doença do usineiro. As relações sociais manifestam seus conflitos e tensões, que vem crescendo durante a narrativa: os habitantes das propriedades vizinhas retiram lenha sem respeito aos limites que as separam; a polícia passa a não respeitar o código de autoridade do coronelismo em relação aos protegidos pelo latifundiário; nas terras do antigo engenho Santa Rosa, os lavradores aos poucos destroem a canalização de um riacho, obra realizada em função do aperfeiçoamento da usina, apesar dos apelos dos moradores, que impossibilita a agricultura de subsistência das famílias pobres. Ricardo compartilha da insatisfação generalizada, inclusive nas relações como empregado da vendinha: o patrão, Seu Ernesto, é agressivo e desrespeitoso, o empregado é convocado a dormir no interior da venda para defendê-la da ameaça de invasão pelos retirantes. Num desfecho ao chamado ciclo da cana-de-açúcar, na obra de Lins do Rego, a decadência final da usina, a perda da propriedade das terras do antigo engenho Santa Rosa pelo Dr. Juca é precedida pela morte de Ricardo, evidenciando a importância desses dois personagens no romance e na arquitetura da saga.

O desenlace da saga de Ricardo, que se desenvolve pelos dois romances focalizados neste trabalho, funciona como uma espécie de compensação ética diante do imobilismo ou da dificuldade de se posicionar nas lutas políticas que marca sua trajetória: num gesto final desesperado, trancado na vendinha da fazenda, ao lado de seu patrão e de outro empregado armado, ameaçados pela invasão de retirantes que cercam o local, Ricardo pula o balcão e abre a porta para os famintos, recebendo um tiro nas costas do capanga assustado. Ferido de morte, Ricardo é transportado até a casa de sua mãe e, nos últimos momentos de vida, nos braços dela, numa possível alusão ao gesto conservado na memória cultural, e imortalizado pelo escultor Michelangelo na estátua da *Pietà*, conclui que os melhores momentos de sua vida foram passados com Seu Manuel: “O moleque, estendido na cama da mãe, só tinha de vivo os olhos, andando de um lado para outro. Avelina passava a mão pela cabeça, alisando Seu Manuel, na ilha, fazia aquilo. Era a mão de seda de Seu Manuel que ele estava sentindo”.²⁹

Uma cena conclusiva para a saga do moleque Ricardo de extrema ousadia para a época, principalmente por consagrar a importância do componente afetivo na relação homoerótica e torná-la digna de representar a realização plena dos desejos de um homem. Em seguida a esta cena, na sequência final do romance, fica demonstrada a decadência total do Dr. Juca. Com suas pernas paralisadas pela doença, Juca se retira com a família das terras herdadas da família, porque, além de ter visto seu projeto de modernização ir à falência, assiste à invasão da propriedade pelas águas da enchente do Rio Paraíba. Os problemas econômicos haviam levado D. Dondon a se colocar à frente dos negócios já arruinados, só lhe resta apoiar moral e fisicamente o marido nessa retirada da família sobre um carro de bois. Observe-se que o carro de bois passara a ser encarado como “uma condução humilhante” pelos usineiros...³⁰ Sobre uma elevação, numa cena de conotações bíblicas, o Dr. Juca lança um olhar melancólico sobre a propriedade que tinha perdido e abandona definitivamente o local em que depositou o sonho falido de modernização.

Seu desejo de poder conduzira-o à falência, acabando com sua arrogância e sua vaidade, o que parece um apelo dramático no romance para se pensar sobre a condição comum de vulnerabilidade a que todo vivente está sujeito. Tema que adquire importância na atualidade no pensamento de Judith Butler, uma das mais importantes desconstrutoras dos fundamentos do discurso patriarcal e dos mitos vigentes sobre a sexualidade. A filósofa considera, portanto, o reconhecimento da vulnerabilidade uma atitude que, além de consequências no plano individual, tem grandes implicações políticas, já que torna possível conceber o sujeito de modos alternativos à rigidez do discurso patriarcal.³¹

A polêmica liberdade da prostituta

Um último tópico que chama a atenção pelo espaço que ocupa em *Usina* e revela um tratamento das relações de gênero que pode provocar discussões muito atuais é a prostituição. Estabelece-se um nítido contraste entre o enfoque do tédio e solidão da mãe de família Dona Dondon e a vida cotidiana de Clarinda, a prostituta favorita do Dr. Juca no bordel de D. Mimi, propriedade da cafetina Jacqueline. Em torno dessa personagem, desenvolvem-se indagações sobre temas como a autonomia da prostituta, a opressão e submissão total aos clientes ou aos rufiões e cafetinas, e sobre suas possibilidades de realização no campo afetivo e sexual, colocando em discussão as representações sobre a infelicidade inerente à atividade. Essas questões têm obtido destaque nos debates sobre a profissionalização da prostituição no Brasil, diante da retomada da discussão do PL 4.211/2011, projeto de lei que tem o nome de Gabriela Leite, em homenagem à prostituta e militante falecida em 2013.³²

Quanto à questão da liberdade e das formas de opressão da prostituta, as cenas que focalizam a relação entre Clarinda, Jacqueline e Dr. Juca, assumindo as diferentes perspectivas desses personagens, parecem desafiar as tradições do debate sobre o assunto que se defrontam principalmente desde o início do século XX, diante das medidas de intervenção saneadora e modernizadora nas cidades brasileiras. Essa questão traz à tona, como acontece em outros países, o debate entre duas tendências mais influentes em sua abordagem, opondo “abolicionistas” e “regulamentaristas”.³³ A atuação dos chamados “regulamentaristas” se destacou em fins do século

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 791.

³¹ Cf. BUTLER, Judith, *op. cit.*, p. 58.

³² Cf. GOMES, Camilla de Magalhães. Nem toda prostituta é Gabriela Leite: prostituição, feminismo e leis. *Blogueiras feministas de olho na web e no mundo*. Disponível em <<http://blogueirasfeministas.com/2013/12/nem-toda-prostituta-e-gabriela-leite-prostituiacao-feminismo-e-leis/>>. Acesso em 31 jul. 2016.

³³ Regulamentação da prostituição confronta prostitutas e feministas radicais. *El País* – Brasil. Rio de Janeiro. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/28/politica/1469735633_689399.html>. Acesso em 31 jul. 2016.

³⁴ Cf. RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista – Brasil 1890-1930*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 125 e 126.

³⁵ Nos últimos anos, discutem-se as consequências dessa medida e a conveniência de regulamentações mais estritas da atividade. Exigências sanitárias e, ao mesmo tempo, consideradas como proteção às profissionais, são propostas ao Parlamento pela Ministra Federal da Mulher, Manuela Schwesig, ligada ao SPD, partido de esquerda, enfrentando críticas da representante feminina do Partido Verde, Ulle Schauws, conforme notícia a publicação *Der Tagesspiegel*, em 7 jul. 2016: O Parlamento Alemão decide sobre obrigação de inscrição de prostitutas – *Bundestag beschließt Anmeldepflicht für Prostituierte*. Disponível em <<http://www.tagesspiegel.de/politik/prostitutionsgesetz-bundestag-beschliesst-anmeldepflicht-fuer-prostituierte/13845856.html>>. Acesso em 31 jul. 2016.

³⁶ Cf. FOUCAULT, Michel, *op. cit.*, p. 131.

³⁷ RAGO, Margareth, *op. cit.*, p. 124.

³⁸ Ver *idem, ibidem*, p. 128.

³⁹ REGO, José Lins do, *op. cit.*, p. 732.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 809.

⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 791.

⁴² Cf. MEIHY, José Carlos Sebe B. *Prostituição à brasileira: cinco histórias*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 23.

XIX principalmente através da figura do delegado e estudioso do tema, Cândido Motta, que, declarando visar “prevenir toda ofensa à moral e aos bons costumes”, conseguiu implantar em São Paulo um “regulamento provisório às meretrizes” em 1897, em que se estabeleciam várias normas de comportamento para as prostitutas e seus clientes.³⁴ Observe-se que até a atualidade a polêmica entre tendências “aboliconistas” e “regulamentaristas” continua a se travar, em países como a Alemanha, na qual se instituiu legalmente a profissionalização das prostitutas.³⁵ O interesse pelo estudo e pelo controle da prostituição, que tomara vulto na França e se tornava influente no Brasil, é uma manifestação relacionada à implantação do “dispositivo da sexualidade” e da influência da perspectiva biopolítica na vida cotidiana e na organização do Estado.³⁶ Implantava-se no Brasil a ideia que “as casas de tolerância e os bordéis deveriam ser registrados na polícia, vigiados pela administração e pelas autoridades sanitárias”.³⁷ A oposição a essa política de controle que redundou em práticas policiais truculentas revela-se nos anos 1920, entre os chamados “aboliconistas”, que denunciavam a ineficácia das medidas sanitárias colocadas em prática baseadas nas propostas dos “regulamentaristas”, que também atuavam em nome da “decência da família”, conforme salienta Rago.³⁸

No romance *Usina* o bordel de Madame Mimi é representado, como uma espécie de ilha de harmonia, em que as relações do Dr. Juca Juca com a prostituta Clarinda, e desta com a cafetina francesa, são caracterizadas por trocas de interesses e formas de satisfação dos desejos equilibradas e satisfatórias. O bordel é caracterizado como representativo de um patamar superior entre os existentes na região: “A Mimi dava às suas mulheres um certo orgulho. Mulheres da Mimi passavam pelas outras pensões da Santo Amaro pisando fino, de cabeça alta. A casa preferida pelos usineiros, pelos ricos do comércio, pelos figurões do governo fazia-se valer, investia as suas damas de uma pose particular”.³⁹

Pelo que se pode constatar na citação acima, pesava para o prestígio da pensão a frequência de homens ricos e poderosos, transmite-se o prestígio da clientela masculina para as prostitutas. Constata-se nas divagações do Dr. Juca que o fato de frequentar um bordel alinha-o ao comportamento dos usineiros, que não deveriam procurar as moças do eito ou mulheres de lavradores, comportamento identificado como dos coronéis, personagens antiquados: “Homem válido ali na várzea, não havia um que não fosse raparigueiro. Agora não ficava para ele estar metido com as caboclas perdendo respeito. Usina não era banguê que se dominava com grito. Todo o respeito era pouco para sustentar o prestígio, fazer-se dominar”.⁴⁰

Esse comportamento colabora para a construção da identidade desses sujeitos em contraste com a geração anterior de coronéis que não se “modernizaram”. Faz parte de um conjunto de mudanças de hábitos, como a substituição pelos novos usineiros do uso de carros de boi pelos automóveis: “Carro de boi passava a ser uma condução humilhante”.⁴¹

A avaliação positiva do bordel devia-se também à seleção criteriosa das mulheres criteriosa pela cafetina francesa. A figura de Jacqueline reatualiza uma tradição que se revelava na cultura grega que reservava às hetairas uma posição mais destacada socialmente que outras prostitutas, inclusive por sua formação cultural sofisticada que contrastava com as mulheres que se destinavam ao casamento.⁴² Essa francesa experiente, mesmo em prejuízo do ganho financeiro imediato, favorece a presença de poetas ou intelectuais, com menos recursos que os ricos clientes, mas que

trazem referências culturais consagradas, como informações sobre a vida parisiense, colocando em contato o capital cultural com o financeiro.

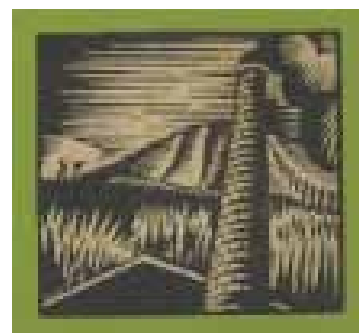
Jacqueline tinha os seus livros, lia os seus romances. E alguns literatos da terra gabavam o seu gosto, falavam do seu talento. Esta vaidade de letrada era a única vaidade que não rendia dinheiro para ela. Pelo contrário. Muitas vezes o poeta Almeida chegava sem nenhum tostão para beber os seus licores. Jacqueline para se fazer de vida, deixava o poeta beber de graça. A casa ia-lhe tão bem, que nada queria dizer aquele desperdício com o poeta que lhe falava de Verlaine e dos vícios da boêmia de Paris. Era para a francesa amadurecida uma recordação de sua mocidade de café-concerto, dos tempos em que dormia com homens somente pelo amor, pela alegria do amor.⁴³

Além do orgulho de pertencer ao bordel mais prestigiado de Recife, a jovem amante do Dr. Juca, Clarinda, goza do prestígio e das vantagens de ser a favorita da cafetina. A moça descobre um “prazer desconhecido” em contato com a francesa, um modo de a personagem definir a experiência homoerótica que se assemelha ao que ocorre na relação de Ricardo com Seu Manuel. Essa experiência nova é retratada ao se evocarem, na perspectiva de Clarinda, os passeios desta com a cafetina Jacqueline na praia de Boa Viagem:

Então Jacqueline pedia ao chofer para levar longe o carro, para um pouco mais longe. E caíam nuas na água fria. Ficavam um tempo enorme gozando a vida. Jacqueline pegava-se a ela e Clarinda sentia a carne quente da francesa. E dentro d'água, sentadas na areia, como o chofer de longe, ela sentia com Jacqueline uma coisa que ela não sabia o que era. As ondas vinham até elas, entravam de pernas adentro, como línguas frias, a espuma cobria as suas carnes e a lua, querendo se pôr ainda, deixava uma luz fraca por cima do mar. Clarinda sentia-se feliz, cheia de vida. E o sono daquela madrugada, naquela cama macia, sem homem junto dela, era um sono pesado, um grande sono dos justos. Era feliz. Outras podiam se queixar da vida, Outras podiam se queixar da vida, outras podiam se lamentar. Ela não.⁴⁴

Observe-se que esse tratamento do lesbianismo que foge a interpretações psicológicas, de ordem médica ou moralizantes, ocorre também em outros romances do autor, como *Riacho doce* (1939) e *Água mãe* (1941). O confronto das relações do Dr. Juca com a amante e a esposa, no entanto, reafirma as tradições nas relações de gênero num contexto patriarcal de um modo bastante curioso. O Dr. Juca julgava ter alcançado algum equilíbrio e harmonia a partir da relação que estabelece com Clarinda, atribui a ela a superação de seu furor de “femeieiro” e motivara nele uma obrigação de fidelidade: “Era bonita de fato, não teria coragem de enganá-la, de mentir para ela. Ficaria com Clarinda para sempre”.⁴⁵ Nos parágrafos seguintes, registra-se a avaliação do Dr. Juca da relação com sua esposa:

Dondon, coitada, era uma santa, se consolando com os filhos. O Dr. Juca não se sentia em falta para com a sua mulher. Parecia-lhe que ter uma amante lhe fosse uma coisa natural. Dondon não se importava se soubesse. Era uma santa que não se baixaria para se misturar com as vadiações do marido. Nunca lhe falara de mulheres e ele desconfiava que soubesse de tudo. A cara, que a mulher tinha para ele, era sempre a mesma. Só lhe falava de coisas que se relacionavam com os filhos.⁴⁶



⁴³ REGO, José Lins do, *op. cit.*, p. 730.

⁴⁴ *Idem*, *ibidem*, p. 732.

⁴⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 826.

⁴⁶ *Idem*.

⁴⁷ Cf. VAINFAS, Ronaldo. *Trópi-
co dos pecados: moral, sexualida-
de e inquisição no Brasil*. Rio de
Janeiro: Civilização Brasileira,
p. 156 e 157.

⁴⁸ REGO, José Lins do, *op. cit.*,
p. 877.

⁴⁹ Considerações bem funda-
mentadas sobre essas divergên-
cias e suas possíveis interferên-
cias nos debates sobre a profes-
sionalização da prostituição no
Brasil encontram-se em matéria
divulgada recentemente, par-
tindo da discussão sobre a re-
cuperação da memória de uma
militante-prostituta. Ver: GO-
MES, Camilla de Magalhães, *op.
cit.* Ver outra contribuição para
o debate também em MIGUEL,
Luís Felipe. O debate sobre a
prostituição. In: MIGUEL, Luís
Felipe & BIROLI, Flávia. *Femi-
nismo e política: uma introdução*.
São Paulo: Boitempo, 2014.

Através desse confronto realizado em discurso indireto/livre, refor-
çam-se as expectativas tradicionais sobre os papéis reservados às mulhe-
res no discurso patriarcal: a amante que podia proporcionar o prazer da
convivência e do sexo, e a esposa, colocada num pedestal, que a obrigava
a cumprir o papel de mãe de família sem se imiscuir na vida afetiva e nos
contatos eróticos do marido.⁴⁷ Entretanto, a falência e a doença do marido
fazem com que Dona Dondon, transite do papel de guardiã da moralidade
do lar e de “santa”, compreensiva com as “vadiagens” do marido, para
se tornar a protetora de um homem doente, falido e desamparado pelos
familiares e outros usineiros.

A crise no mercado açucareiro abala as relações familiares e acaba
por fazê-lo perder a exclusividade dos amores de Clarinda e finalmente o
contato com ela. A francesa Jacqueline não consegue manter seu bordel e
o vende. Clarinda muda-se para uma casa de prostituição de nível muito
inferior, cujo nome “pensão Peixe-Boi” afasta qualquer expectativa de ele-
gância ou convívio intelectual, que conferiam certa aura, proveniente de
outras épocas, à casa de D. Mimi. Demonstram-se, com isso, mais de perto
no romance, outros modos de se viver a prostituição, em que se revelam
sem nuances as imposições do dinheiro dos clientes e da autoridade das
cafetinas, da competição com outras mulheres, sem ilusões nem *glamour*,
num ambiente pautado apenas pela perspectiva de explorar de forma mais
eficaz a atividade sexual das prostitutas.

*Clarinda vivia assim cercada de hostilidades. O seu coronel pouco vinha à pensão e
quando aparecia se queixava de doenças. E só, sem homem, sem proteção visível, ela
não podia suportar, a implicância das colegas. Vivio mais no seu quarto. D. Júlia
[a cafetina] dizia, porém, que não queria saber de freira em sua casa. E acabasse
Clarinda com aquele luxo de amante de usineiro, que era melhor. Mulher, em sua
casa, teria que atender à freguesia.*⁴⁸

Esse contraste no percurso das experiências de Clarinda contribui
para enriquecer a discussão sobre a prostituição, evitando as polarizações
que ainda preocupam algumas feministas empenhadas nas discussões que
procuram evitar tanto os preconceitos como as mistificações, que exage-
ram as possibilidades de autonomia nessa atividade, tanto derivadas de
perspectivas neoliberais sobre o uso do corpo como em certas tendências
libertárias.⁴⁹

As ilhas do prazer e sua efemeridade no mundo real

Nos momentos finais de *Usina*, encerrando a saga iniciada em *O
moleque Ricardo*, esse personagem conclui que seus momentos mais felizes
passaram-se na prisão da Ilha de Fernando de Noronha, graças às mani-
festações de afeto do cozinheiro, Seu Manuel. Vez por outra, ressurgem, no
romance, as recordações nostálgicas de Ricardo dos momentos gratificantes
passados com esse homem, que o levam a lamentar ter recebido o indulto
que o libertou da prisão. Também em *Usina*, a prostituta Clarinda reconhece
que vivia um cotidiano feliz no prostíbulo, que teve que deixar, graças,
principalmente, aos momentos de carinho e de contato sexual satisfatório
com a cafetina Jacqueline. Ao ter que se afastar da francesa, vivendo em
outro bordel, Clarinda manifesta uma nostalgia pela relação homoerótica
semelhante à que surge em divagações de Ricardo sobre o passado com

o cozinheiro Manuel. Ela também conclui que a relação homoerótica foi a mais satisfatória, em termos afetivos, que até então experimentara: “No fundo não tinha amor a ninguém. Ligara-se ao Dr. Juca e há mais de cinco anos não conhecia outro homem. Gostava, de verdade, muito mesmo da Jacqueline que se fora para sempre. Era uma amizade misturada de amor de homem e de amor de irmã. Todo mundo falava daquilo. De fato, nunca gostara de homem nenhum como da Jacqueline”.⁵⁰

A descoberta da felicidade nesses espaços circunscritos espacialmente, do bordel e da prisão na Ilha de Fernando de Noronha, onde vigoram regras especiais de convívio, lembram o mito cultuado entre as personagens femininas na peça *Senhora dos afogados*, de Nelson Rodrigues, em que a válvula de escape ou a alternativa à tensão entre a casa patriarcal e o prostíbulo é a perspectiva de encontro de relações mais harmoniosas, após a morte, na Ilha das Prostitutas Mortas, um espaço mítico, descrito como paradisíaco, vedado aos homens, onde “as mulheres se acariciam entre si”.⁵¹

A saga de Ricardo e as experiências de Clarinda no bordel de Mme. Mimi contrastam com a literatura da época pela ênfase sobre os aspectos positivos, capazes de proporcionar a felicidade aos indivíduos, não somente graças à satisfação sexual, mas através do encontro afetivo. Parece-me importante procurar compreender as implicações mais amplas da recorrência nessa obra, como em outras, de Lins do Rego, especialmente o romance *Riacho doce*, do enfoque positivo a formas alternativas de relacionamento afetivo em contraste com a insatisfação de uma galeria de personagens fiéis às convenções da moral conjugal. Este contraste pode-se constituir em resistência ou provocação às iniciativas de políticas públicas e de diferentes setores da sociedade no Brasil para preservar tradições conservadoras no processo de modernização que se consolidava desde os anos 1920, procurando estabelecer o controle disciplinar sobre as ameaçadoras transformações no comportamento feminino e regulamentar a vida familiar.⁵²

Merecem estudos mais profundos essas aparentes ousadias no trato das questões de gênero na obra de Lins do Rego, que contrastam com a maior parte da produção romanesca no país nessa época, assim como as contradições na perspectiva do autor quanto ao patriarcalismo que persiste nela. Parece-me inegável, num primeiro exame de conjunto de sua produção literária, a contribuição de alguns de seus romances ao dar visibilidade a formas de comportamento e de relação afetiva alternativas às convencionais, sem emoldurá-las no moralismo estreito ou petrificá-las no racionalismo cientificista.

Artigo recebido em novembro de 2016. Aprovado em dezembro de 2016.

⁵⁰ REGO, José Lins do, *op. cit.*, p. 875.

⁵¹ RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo*. Senhora dos afogados. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993, p. 697.

⁵² Cf. BESSE, Susan K.. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil: 1914-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 5.